



Memorando de Política da EIR
22 de junho de 2026

O Papel Especial do Brasil na Transição Para uma Nova Arquitetura Internacional de Segurança e Desenvolvimento

As terríveis guerras que assolam o planeta não estão causando a crise econômica; é a crise de colapso econômico sistêmico do sistema financeiro transatlântico neoliberal que está causando as guerras (o que agrava ainda mais a crise econômica), e continuará a fazê-lo até que seja substituído por uma nova arquitetura internacional de segurança e desenvolvimento. Esse fato simples é a chave para resolver os problemas interligados da paz e do desenvolvimento globais; se você inverter a causalidade, não resolverá nenhum dos dois e fracassará em ambos.

1) O papel especial do Brasil. O Brasil é um dos fundadores do BRICS e seu único membro pleno no Hemisfério Ocidental. Possui uma longa história de cooperação de boa vizinhança com os EUA, como a relação entre Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, e está bem posicionado para atuar como uma ponte entre o Sul Global e o Norte Global na deliberação de políticas sobre problemas globais. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva é amplamente respeitado como líder mundial na luta para acabar com a pobreza, compartilhando esse papel com o governo chinês e o Papa Leão XIV, entre outros.

A promoção e lançamento imediata pelo Brasil, da construção de um Corredor Ferroviário Bioceânico, ligando o porto de Chancay, no Peru, no Pacífico, à costa atlântica (nos portos de Ilhéus ou Santos, ou em ambos), realizada com grande visibilidade, seria uma forma altamente eficaz de: a) unir outros países da Ibero-América em torno dessa estratégia de desenvolvimento (incluindo a colaboração com o BRICS e a Iniciativa Cinturão e Rota da China); e b) influenciar positivamente o clima interno em vista das próximas eleições presidenciais de outubro de 2026. Grandes projetos desse tipo geram um amplo otimismo na população e uma disposição para se mobilizar em prol de uma missão nacional.

2) A crise de colapso. O mundo ocidental está atualmente sufocando sob uma bolha financeira especulativa de US\$ 2,4 quatrilhões, que não há como pagar. A produção físico-econômica necessária, em última instância, para sustentar tal bolha financeira, vem entrando em colapso (por exemplo, a queda livre da economia alemã), conforme se explica nos escritos

do economista americano Lyndon LaRouche, incluindo seu conhecido gráfico “Função Típica de Colapso” (https://larouchepub.com/lar/2023/5012-larouche_points_to_his_1995_tr-lar.html).

O câncer financeiro já metastizou para o próprio mercado de títulos do Tesouro dos EUA — a pedra angular do sistema financeiro ocidental — por meio da promoção, pelo governo Trump, de esquemas envolvendo criptomoedas e stablecoins. O orçamento dos EUA também está fora de controle: com a dívida federal disparando (US\$ 39,2 trilhões em 1º de junho de 2026) e as taxas de juros subindo, mais de um terço do orçamento federal total de 2027 será engolido por mais de US\$ 1 trilhão em pagamentos de juros e um orçamento de defesa de US\$ 1,5 trilhão — ambas essas categorias indo diretamente para instituições financeiras de Wall Street e da City de Londres. A crescente impopularidade política tanto do governo Trump quanto dos democratas pró-guerra nos Estados Unidos assumirá uma importância política cada vez maior.

A crise migratória tanto nos Estados Unidos quanto na Europa é um exemplo do colapso sistêmico em curso, à medida que o abatimento dos padrões de vida e as guerras reduzem drasticamente a produtividade econômica física e a consequente Densidade Populacional Relativa Potencial (https://larouchepub.com/lar/2021/4850-the_four_new_laws_to_save_the-lar.html, em inglês; [As Quatro Leis para Salvar os EUA, Já! Não uma opção: uma necessidade imediata](#), em português), tanto no Norte Global quanto no Sul Global. O Papa Leão XIV, com razão, deu ênfase central à crise migratória em sua visita à Espanha, em junho de 2026.

3) Substituir a especulação por crédito para investimentos produtivos. Essa tem sido uma preocupação central do BRICS. As soluções propostas incluem a criação de uma nova moeda internacional, não para substituir as moedas nacionais, mas como um veículo para novos fluxos de crédito produtivo protegidos contra a especulação; novas “plataformas de investimento”, conforme apresentadas pelo presidente russo Vladimir Putin; e plataformas de grãos e petróleo para retirar commodities-chave dos mercados especulativos (Bolsa Mercantil de Chicago, mercado de futuros de Roterdã, etc.). A urgência desses novos arranjos foi ressaltada pela recente guerra dos EUA e de Israel contra o Irã e pelo consequente fechamento do Estreito de Ormuz.

A questão decisiva é ser capaz de emitir crédito hamiltoniano não-dolarizado para infraestruturas produtivas e outros investimentos — e isso vale tanto para os Estados Unidos e a Europa quanto para o Sul Global. As características necessárias para esse novo sistema financeiro estão descritas em nosso artigo anterior “Fundamentos de LaRouche para a Transição a um Novo Sistema Financeiro Internacional”: (<https://larouchepub.com/eiw/public/2023/eirv50n24-20230616/eirv50n24-de-dollarization-offprint1.pdf>)

“A) Uma separação total entre a nova moeda comum e as moedas nacionais participantes, de um lado, e o dólar predatório e tóxico, de outro, ou seja, sem convertibilidade

livre entre elas. Os controles cambiais e de capitais tornam-se ferramentas essenciais para alcançar esse resultado. Para os Estados Unidos, isso significa um retorno à Lei Glass-Steagall, com sua separação rigorosa entre crédito produtivo e atividade especulativa.

“B) Uma relação de taxa de câmbio fixa entre essas moedas nacionais participantes e a nova moeda comum. As taxas de câmbio flutuantes têm sido uma ferramenta de especulação financeira desde agosto de 1971 e são um anátema para a cooperação comercial e de investimento de longo prazo entre nações soberanas.

“C) O crédito produtivo deve ser concedido nessa nova moeda comum para financiar grandes projetos de desenvolvimento, com forte ênfase na ciência e nas tecnologias avançadas, dentro das nações participantes e entre elas, a fim de impulsionar rapidamente as economias físicas e, assim, proporcionar o único lastro sólido possível para o valor e a estabilidade da nova moeda. Pense em Alexander Hamilton.”

4) E os EUA e a Europa? Um retorno ao padrão da Lei Glass-Steagall de 1933, que separava a atividade bancária comercial produtiva das atividades especulativas de banco de investimento e corretagem. Isso também separaria a moeda nacional dos EUA do dólar offshore, marcado por especulação desenfreada, e seria o equivalente funcional, para os EUA, dos controles cambiais praticados no Sul Global. Isso também estabeleceria as bases para que os EUA e a Europa se unissem à nova arquitetura de desenvolvimento proposta, e se beneficiassem dela. É a única alternativa viável à trajetória atual de pilhagem, confronto e até mesmo guerra nuclear, como a editora-chefe da EIR, Helga Zepp-LaRouche, alertou repetidamente em seus apelos por um novo paradigma, em particular em seus “Dez Princípios de uma Nova Arquitetura Internacional de Segurança e Desenvolvimento” de 2022. (<https://schillerinstitute.com/blog/2022/11/30/ten-principles-of-a-new-international-security-and-development-architecture/>, em inglês; [Dez Princípios de Uma Nova Arquitetura Internacional de Segurança e Desenvolvimento](#), em português)

Para auxiliar esse processo nos EUA e na Europa, o “Espírito de Bandung” precisa ser ouvido novamente, vindo com força do Sul Global. Como afirmou o primeiro-ministro indiano Jawaharlal Nehru em seu discurso na conferência de Bandung de 1955, o perigo de uma guerra nuclear afeta todas as nações igualmente, e isso confere às nações em desenvolvimento o direito de ter voz ativa e de serem plenamente ouvidas. As observações do presidente Lula na recente cúpula do G7 na França foram exatamente esse tipo de apelo à razão de que o mundo precisa hoje.

5) Plano de Ação do Brasil. Contra o Escudo das Américas, com sua política hobbesiana destinada a polarizar ainda mais o continente e eliminar a soberania nacional, o Brasil deveria defender a alternativa programática: a cooperação mutuamente benéfica entre governos de “esquerda” e de “direita” em torno de grandes projetos de infraestrutura, capazes de integrar e abrir todo o continente ao desenvolvimento tecnológico avançado. A construção

do corredor ferroviário bioceânico é o projeto perfeito para demonstrar como tal abordagem pode ser bem-sucedida, conectando-se ao porto de Chancay, no Peru. Essa abordagem pode ser comparada, de forma esclarecedora, ao desastre que a política oposta de capitulação ao neoliberalismo produziu na vizinha Argentina, sob o governo de Milei.

Haverá apoio financeiro internacional para o Corredor Ferroviário Bioceânico (por exemplo, da China), mas o Brasil também terá de gerar e canalizar crédito produtivo interno substancial, por meio de instituições bancárias como o Banco do Brasil, a CEF e o BNDES. O papel atual dos grandes bancos comerciais privados, controlados do exterior, terá de ser drasticamente reduzido. Os controles cambiais permitirão que as taxas de juros internas sejam definidas pelo governo federal, e não pelo “mercado”, ou seja, pelos predadores financeiros internacionais com suas ameaças de fuga de capitais e guerra financeira.

O Brasil também deve desenvolver, sob orientação do governo, suas substanciais reservas de terras raras, com plena capacidade de processamento no próprio país, e desenvolver indústrias que utilizem essas terras raras. Isso é importante por si só, mas também tem valor no cenário global da diplomacia econômica internacional. Da mesma forma, o trabalho com tecnologia avançada em áreas como a nuclear (fissão e fusão) e as ciências espaciais (reativando o papel de Alcântara) é de suma importância como impulsionador científico da economia; políticas de apartheid tecnológico devem ser firmemente rejeitadas na prática.

6) Trabalhar em conjunto com o Papa: espera-se que o Papa Leão XIV viaje ao Peru em novembro de 2026, uma viagem que pode se tornar parte integrante desse foco na unidade continental para o desenvolvimento. O Papa tem se mostrado perspicaz e franco em relação à imigração e à necessidade geral de acabar com o colonialismo de uma vez por todas, e podemos contar com ele para continuar promovendo tais políticas. Ele também é americano, e sua voz ressoa nos EUA.

*Para mais informações: contate a Tim Rush, timrush@larouchepub.com
+1 703-727-7254 (WhatsApp); EIR, P.O. Box 20243, Washington DC 20042-0243 EUA*